

# **O homem que andava de costas**

*E outros  
contos*



**JORGE DE PALMA**

## O homem que andava de costas

Quando as pessoas viam aquele homem dando passos para trás, ou seja andando de costas, por vários quarteirões, julgavam que ele estava louco. Ele próprio chegou a pensar assim. Mas só começou a agir dessa forma depois que fatos o levaram a uma única conclusão. Teria que regredir.

Tudo começou naquela tarde de outubro quando, como fazia sempre, José de Oliveira saiu do trabalho, por volta de treze horas e foi para casa. Possuía carro, mas por morara a apenas alguns quarteirões, foi caminhando. Ao chegar em sua residência, notou que havia um carro estranho na garagem e que sua chave não servia no cadeado do portão, que, obviamente havia sido trocado. Pensou em entrar de alguma forma, mas não conseguiu. Sabia que não havia ninguém em casa porque a mulher e os dois filhos estavam trabalhando naquele horário. Muitas vezes o filho utilizava o carro para ir ao trabalho. Por isso seu carro não estava ali. Mas mesmo assim, imaginando que algum deles tivesse voltado e estava com visitas, resolveu bater palmas.

Um homem de aparência jovem saiu da casa e Oliveira ficou intrigado. Não o conhecia e por isso o cumprimentou:

-Boa tarde senhor, poderia chamar alguém da minha família?

- Não sei do que o senhor está falando. Moro aqui há mais de um ano e não conheço ninguém de sua família - retrucou o homem.

Oliveira ficou boquiaberto. A princípio não sabia o que dizer. Depois começou a rir e falou:

- Isso deve ser alguma "pegadinha"! Eu é que moro aqui e o senhor não está me deixando entrar em minha casa.

O outro replicou:

- O senhor deve estar enganado - E, em seguida, foi para o interior da residência.

Oliveira ainda quis falar alguma coisa, mas se conteve. De repente imaginou o pior. Se não era brincadeira, então havia estranhos na sua casa, num momento em que ele e sua família haviam saído. Poderiam ser ladrões que foram pegos de surpresa com a sua chegada e estavam tentando disfarçar a situação. Por isso, resolveu chamar a polícia. Pegou o celular e discou para o 190.

Um policial militar atendeu e ele explicou a situação. Deu o endereço e ficou aguardando. Depois de algum tempo, uma viatura apareceu no começo da rua. Ele deu sinal e os policiais se aproximaram.

Quando Oliveira falou pessoalmente sobre o que estava ocorrendo, os policiais resolveram tomar precauções. Sacaram suas armas, aproximaram-se da casa, bateram palmas e, quando a porta estava sendo aberta um deles gritou:

-É a polícia. Saiam com as mão para cima.

O mesmo homem que atendera Oliveira antes saiu com as mão levantadas, aproximou-se do portão e perguntou:

-O que está acontecendo?

-Nós é que perguntamos. O que o senhor está fazendo aí - falou um dos policiais.

- Eu moro aqui - respondeu o homem.

- O senhor pode provar? Mostre os seus documentos.

O "morador" da casa abaixou as mãos, avisou que ia colocar a mão no bolso e sacou sua carteira. Entregou seus documentos aos policiais que o identificaram como Ricardo Silva e em seguida se prontificou a abrir o portão para que os policiais entrassem.

Os policiais olharam para Oliveira e ele ficou sem saber o que dizer. Aquela era sua casa há mais de três anos. Saía cedo para ir trabalhar. Deixou o serviço às treze horas, como sempre fazia, e agora alguém dizia que era morador em sua casa.

Silva fez questão que os policiais entrassem na casa, apresentou-lhes sua esposa, um filho de dois anos e até um contrato de aluguel, comentando a seguir:

-Este homem aí fora deve ser louco! É melhor vocês conversarem com ele.

Os policiais saíram da casa e se dirigiram até Oliveira, passando a interrogá-lo:

-O senhor está brincando conosco?

- Não senhor, esta é minha casa. Eu trabalho num restaurante aqui próximo e o pessoal de lá pode testemunhar que estou certo.

Um dos policiais achou que seriam melhor seguirem até o restaurante. Mas o outro demonstrou preocupação:

-E seu houve alguma coisa errada na casa a gente sai daqui?

Por isso eles decidiram chamar outra viatura. Uma ficou em frente à casa e outra seguiu com Oliveira até o

restaurante.

Na medida em que a viatura ia seguindo, Oliveira começou a notar algumas coisas que o intrigaram. O posto de gasolina, por exemplo, que até uma hora atrás estava em obras, agora parecia perfeito e funcionando normalmente. Em um terreno vazio pela manhã, havia sido construída uma casa. "Não é possível, devo estar sonhando", pensou ele.

Quando chegaram ao restaurante, um dos policiais disse para Oliveira ficar na viatura enquanto ele ia falar com o proprietário.

Wilson de Campos, o proprietário do restaurante não se surpreendeu quando viu uma viatura parar em frente ao prédio, porque, quase que diariamente, policiais vinham comprar marmiteira no seu estabelecimento. Ele até fazia um desconto especial para os PMs. Mas quando o policiais se dirigiu a ele, contou os fatos e citou um nome, ele ficou admirado:

- O José Oliveira? - exclamou!

-Eu não acredito - disse o comerciante. E em sua cabeça uma série de fatos, se repassaram. José Oliveira era seu funcionário há alguns anos. Abria o restaurante todas as manhãs e administrava tudo na sua ausência. Não faltava ao serviço e não cometia falhas. Tudo ia bem até aquele dia, há dois anos, quando saiu do serviço às treze horas e nunca mais voltou. Wilson não pode deixar de pensar na família daquele funcionário desaparecido. "Meu Deus, quanto eles sofreram, será que agora tudo vai voltar ao normal?"

Foi pensando nisso que o comerciante, antes de comentar qualquer coisa, pediu aos policiais para ver

José. Dirigiu-se até a viatura e ao ver o velho funcionário, o cumprimentou:

José ouviu aquela voz amiga e se sentiu calmo. Mas ao virar-se e ver o rosto do amigo e patrão, não pode se conter:

-Nossa, parece que você ficou mais velho de uma hora para outra.

E o Wilson, com aquela calma de comerciante, meio político, retrucou:

-Também pudera, faz dois anos que você não aparece...

Para os policiais, aquele cena criou um novo impasse. Por isso eles decidiram entrar no assunto e tentaram entender a história. Mas não houve entendimento. José dizia que deixara o serviço há pouco mais de uma hora e o comerciante alegava que o funcionário havia abandonado o emprego há dois anos.

Um dos policiais chamou Wilson de lado e perguntou se ele tinha o endereço da família de José.

-É lógico que tenho. Eles mudaram de casa, mas faz dois anos que estão procurando por ele.

Com o endereço em mãos, os policiais resolveram levar José até a casa de seus familiares. Foi um reencontro contraditório. Enquanto José se sentia ao mesmo tempo feliz e confuso, sua mulher e dois filhos diziam coisa que ele não conseguia entender.

-O que aconteceu? Onde você esteve, pai? - disse o filho Mário, o mais velho.

-Ora, eu estava trabalhando, sai de casa cedo e, quando voltei, tudo estava mudado.

Foi então que José percebeu que seus familiares também pareciam mais velhos. Havia se mudado para

uma casa menor, com apenas três cômodos. Então perguntou:

-Por que vocês se mudaram tão de repente?

- Nós esperamos seis meses e como você não voltou, tivemos que mudar, por questão de economia. Tínhamos que pagar um aluguel menor.

-E como está sua mãe?

-Ela ficou desesperada, procurou muito pelo senhor e por fim adoeceu. Está de cama. Está doente.

José decidiu entrar na casa. Não era como a sua velha residência, na Rua Inglaterra, mas reconheceu o jogo de estofados. Também parecia mais velho, como tudo o que via. Mas se sentiu reconfortado. Ao menos nem tudo havia mudado completamente.

Quando entrou no quarto viu a esposa na cama. Sentiu vontade de chorar. E parecia estar dois anos mais velha, mas ficou emocionada ao vê-lo. Umas duas horas atrás ele e ela pouco se falavam. Haviam perdido aquele amor da juventude. Mas agora ela tinha um rosto sofrido e pareceu, apesar de muito judiada, feliz ao vê-lo.

-O que aconteceu? Onde você esteve? - perguntou ela.

-Eu fui trabalhar hoje de manhã e agora voltei para casa, como faço todos os dias - disse ele.

Ela ficou confusa com a resposta, mas não quis discutir.

-Está bem, enfim você voltou e parece que está bem - concordou ela.

Com o passar dos dias e cada vez entendendo menos o que tinha acontecido, José não se perdoava pelo que tinha acontecido a sua mulher e a seus filhos. Não podia acreditar que havia negado a eles dois anos de sua vida, que os obrigara a entrar num regime de contenção de

despesas, de se desfazer de bens, de mudar de casa, de ficar doentes. Podia valer pouco no dia a dia, mas sempre estivera presente. Sem pouco dizer, sempre os amara.

Por outro lado, José não conseguia se culpar. Não fizera nada de errado. Fora trabalhar e voltara para casa. O que teria acontecido? Quando os filhos o algum conhecido insistia em lhe perguntar sobre o seu desaparecimento, ele apenas dizia: "Eu fiz uma caminhada". Mas, aos poucos ele foi pensando e definiu: "Eu caminhei no tempo".

Quando tudo ficou claro em sua mente, José chegou a uma conclusão. Se a caminhada para casa, o afastara do caminho e o levava para longe através do tempo e do espaço, só havia uma forma de reparar tudo. Seria tentar descobrir o ponto em que tudo aconteceu. Mas depois de fazer a caminhada por dezenas de vezes, sem notar nada e sem acontecer nada de anormal, ele decidiu fazer o caminho contrário. Como isso também não resolveu, pensou:

"Quem sabe se eu caminhasse de costas, voltando à origem de tudo?". E foi assim que ele passou a andar, sempre para trás.



## A bala perdida

Jonas Oliveira, estudante, 23 anos, tinha uma vida tranquila. Conseguira um bom emprego e ganhava o suficiente para cursar a faculdade. Esperava se formar no final do ano e, mais adiante, quem sabe, concretizar o casamento com Lúcia, a quem namorava há alguns anos.

Por isso, naquela noite, ele tinha todos os motivos para estar feliz. Seguiu para a faculdade, onde encontraria Lúcia. Caminhava pela avenida, sorridente, sem preocupações, quando, parou abruptamente. Seu rosto ficou inexpressivo e ele tombou sobre a calçada. As pessoas que por ali passavam correram até ele para saber o que estava acontecendo. Foi então que viram o pequeno orifício na testa, onde havia um sangramento. Jonas estava morto.

A princípio, as pessoas ficaram boquiabertas, mas depois começaram os comentários e as especulações. O jovem só poderia ter sido vítima de uma bala perdida. Mas o impressionante é que ninguém ouvira tiroteio algum, embora isso fosse comum naquela região próxima da favela. Poderia até ser disparo de uma arma com silenciador.

A polícia técnica foi informada, fez perícia no local e encaminhou o corpo para necrotério, onde seriam feitos os exames necroscópicos. O médico que fez os exames encontrou um pequeno objeto na cabeça do estudante.

Estava muito amassado e não parecia com as balas tradicionais de revólveres e pistolas. Mas como tinha muitas outras autopsias a realizar, ele guardou o objeto em um saco plástico, como prova do crime a ser analisada posteriormente. Alguns dias depois, quando isso seria feito, foi descoberto que o objeto havia desaparecido. Havia um buraco no saco plástico, como se tivesse sido derretido. A morte de Jonas Oliveira jamais foi esclarecida.

Em outra região muito distante dali, uma família também recebeu uma triste notícia na linguagem local: "Lamentamos informar que seu filho, este notável cientista, morreu em uma de suas missões de reconhecimento no novo mundo. Pelas últimas imagens transmitidas de sua nave, o aparelho onde estavam mais cinco membros na tripulação, sofreu falha, ficou descontrolado e colidiu com a cabeça de um ser natural do planeta em estudo. Enviamos equipe para resgate dos corpos e destroços da nave, a qual deve voltar em breve"

## O corredor

Um sorriso amarelo tinge a boca da noite. O leve colorido penetra no imenso corredor sem teto. Mas o que importa isso ao João? Não se importa, caminha.

Atrás dele, não muito próximo, caminha também um estranho senhor inteiramente vestido de negro, barba negra, cabelos pretos. Passos lentos firme e pesados. Como João segue por ali porque é o seu caminho e não há possibilidades de ir por outro lugar. Ir para onde? Se em qualquer porta que se entra haverá sempre um regresso ao imenso e reto corredor sem teto? Para que se preocupar? Tudo está tão quieto! João não pensa assim. Deixa o homem de negro cada vez mais para trás. Vê outros homens de banco, mulheres de vermelho, crianças de azul.

Afinal, o que estão fazendo? Amando, odiando, chorando, gritando, cantando e andando. Andar paciente, andar triste, andar cansadora, cismado, apressado, lento, manco, trôpego...

João tem passos precipitados. Está a fim de achar um meio ou tem por princípio achar um fim? Nem uma, nem outra: ambas são impossíveis para certos espíritos que não se acomodam com as simples trocas de palavras. Palavras técnicas, políticas, filosóficas...

De que adiantou aquele número infundável de ismos se nada esclareceu nada? Se o corredor é imenso e a sua busca ou fuga não tem solução plausível.

Alcança uma senhora que já caminha com velhos

passos. Vai passando-a quando ouve em tom profético:

-Você tem muita pressa, jovem...

- Ele pensa em continuar, porém interroga-a subitamente:

- Onde é o meio?

A velha escancara um sorriso sem dentes. Caminha ainda mais lentamente obrigando-o a esperá-la. Ele se contraria, contudo aguarda a resposta. Talvez esta velha, sem cultura aparente, lhe esclareça alguma coisa. Espera a resposta. Finalmente a velha diz:

- Diga-me quais são as características e eu poderei lhe dar uma resposta.

A revolta estoura dentro dele. Maldita senhora que o fez parar.

-Mas nem isso a senhora sabe?

Vai embora sem dizer mais nada. Quase correndo. "Velha ignorante. Perguntar quais são as características... Será que ele não sabe ou vem com aquele maldito método de interrogar para corrigir depois dizendo a mesma coisa com palavras mais bonitas ou adequadas? Todos devem saber ou ter uma ideia sobre as características: deve haver muita vastidão, sem vastidão, ou então deve ser bem pequeno, de forma circular, mas de uma maneira que tudo e todos caibam dentro dele.

Nisto nota um andar trôpego. Reconhece a dona de infeliz andar.

-Dorinha, você ainda está por aqui?

-Sim.

-Que aconteceu?

Dorinha encara-o abobalhada e lança outra pergunta:

-Com o que?

-Com tudo - responde, perguntando João - com aquele seu canteiro de flores que havia lá no início, onde o corredor não tinha paredes de concreto, com os nossos amigos, você sabe...

- Está bem - replica Dorinha - as flores iam bem, mas depois começaram a sangrar, sangrar...

-E os outros?

-Uns estão indo na frente. Outros pararam. Você também deve ter parado pois ainda está aqui.

-Sim, eu entrei na biblioteca, li todos os livros, mas depois saí correndo.

-Por que?

-Porque nada fiquei sabendo, mas você disse que alguns pararam...

-Sim, o Robertinho parou... no hospital...

-E ele já saiu de lá?

-Sim.

-Por onde?

-Por cima...

-Mais alguém parou?

-A Santinha, o Agostinho e o Mário. Ficaram na Igreja. Dizem que é um bom lugar. Eles gostam de lá.

- E Você?

- Estou indo e vindo.

João pensa um pouco e arrisca:

-Você já sabe onde é o meio?

Dorinha balança a cabeça negativamente. Termina a conversa. João segue. Está determinado. Vai até o fim. Divisa ao longe um vulto solitário. Há um cigarro na boca daquele indivíduo. Chega até ele respirando fundo e vai fazer-lhe a mesma pergunta que fez a todo mundo,

desde que aprendeu a perguntar. Muda de ideia no último instante e, para não ficar chato, pede-lhe um cigarro, agradece e sai apressado. Deve haver um meio...

Escureceu. Quantos mil cigarros já fumou? Quantas milhares de vezes fez a mesma pergunta. Não importa, não perguntará a mais ninguém.

No escuro segue sem receio na retidão do corredor. Agora são passos longos, rápidos, desenfreados, até que um grito sai de sua garganta, com as poucas forças do pulmão cansado:

-Não sou louco...

Apenas o eco repete-lhe o grito. Cai repentinamente sem poder ir adiante. A peça terminou. Levanta-se com tremendo esforço, tira a camisa de manga compridas, contorna-a no pescoço e puxa até perder as forças...

Quando Dorinha passa por ali, na manhã seguinte, dá uma terrível gargalhada e grita:

– Mais um saiu por cima!

## O planeta dos yellow

Fomos aproximando-nos com a impressão de íamos vagarosamente, mas estávamos em vertiginosa velocidade.

De longe o pequeno planeta dos Yellows assemelhava-se a uma laranja.

O capitão Lanejuv informou que lá chovia frequentemente, mas o pequeno planeta nunca perdia a sua cor amarelada.

Em algms horas, passadas com lentidão e com o ambiente ficando cada vez mais amaelo, a nave pousou com a delicadesa de uma bailarina. Silêncio desanimador! Logo, olhos também amarelados espreitaram-nos com preguiçosa curiosidade.

Planeta chato aquele! E pensar que precisávamos parar ali para reabastecer a nave...

Desde que o viajante espacial George Mark o havia descoberto há duzentos anos, pouco ou nada a não ser nosso posto de reabastecimento havia mudado ali. Ninguém a não ser os yellows habitavam o planeta. Vi uma vez no Universal Computer, que um cientista da Terra viveu no planeta durante cinco anos, porém o livro que trazia consigo foi destruído quando a nave, na qual viajava de volta para a Terra explodiu por um defeito técnico indeterminado matando todos os seus tripulantes.

Os yellows receberam-nos como tinham recebido os poucos viajante que ali haviam chegado antes, com

aquela preguiçosa curiosidade nos olhos e sem se importar com mais nada.

Jamais algum deles havia colocado a mão em nosso posto de reabastecimento.

Através da neblina amarela eles aproximavam-se da mave e Naikan que precedera a chuva, o great father dos yellows, o mesmo que recebera George Mark, duzentos anos atrás, ainda vivia e foi justamente ele que veio receber-nos.

Como todos os outros, ele tinha o corpo grande e a cabeça pequena demais. Em lugar da boca tinha uma espécie de focinho que se afinava até a espessura de uma caneta. Parecia um funil com a ponta para fora.

Segundo nosso computador, eles alimentavam-se de uma espécie de mel produzido por insetos gigantes que habitavam o planeta.

Após dar-nos a ordem de colocar os equipamentos adequados para nossa saída da nave, foi conversar com Naikan. Conversar é modo de dizer, pois os yellow se comunicavam de uma maneira diferente de todos outros seres que conhecíamos.

Com doze dedos, seis em cada mão, eles apertavam vários pontos sobre o peito, como se estivessem tocando piano. Lenejuv assim como eu e outros tripulantes o entendíamos perfeitamente pois o vocabulário dos yellows é muito pequeno.

Senti-me interessado em Naikan e assim que pude, pedi permissão ao capitão e fui "falar" com ele. Após um "bate papo" informa fiquei sabendo que sua filosofia de vida era simples: Vive e não prejudicar. Não se importavam com o tempo pois nem possuíam calendário.



Cada mulher yellow deixava poucos descendentes que teriam a única função de viver não prejudicar. As poucas lutas que haviam eram com os insetos gigantes porém, fora disso não havia mais nenhum motivo para brigas. E não havendo motivos, eles não brigavam pois seu temperamento calmo era constante. Não tive mais tempo de conversar com Naikan, porque escureceu rapidamente e todos foram para suas cavernas.

No outro dia tivemos a única surpresa mista de alegria e tristeza naquele planeta. Naikan chegou com a primeira claridade amarela do dia e fez apenas alguns sinais: "Eu morro amanhã", "Venham". Lanejuv e eu o seguimos curiosos até que ele estendeu o braço direito indicando um local. Lanejuv olhou e imediatamente ficou tenso. Correu para lá e pouco depois gritou: "É Zorah! Está morto!". Certamente houvera um acidente com a nave e Zorah e seus companheiros morreram ali no planeta dos yellow.

Voltamos para a nave e ao saber do ocorrido, os tripulantes respiraram aliviados. Agora todos poderiam voltar para suas pátria. Terminara a missão: poderíamos voltar para o Centro Universal e informar que o pirata do universo, o homem que queria fazer guerrra estava morto.

Apressamos-nos todos em partir. A nave já estava reabastecida. No último instante, lembrei-me dos sinais de Naikan: "Eu morro amanhã" e comecei a imaginar como seria saber o dia exato da morte. Fui até ele, abracei seu corpo amarelo e, sinceramente... chorei.



## O autor

Jorge de Palma é filho de Carmo de Palma e de Adelina Candian de Palma. Nasceu em Iracemápolis-SP, em 20 de dezembro de 1952. Trabalhou muitos anos como jornalista, atuando nos jornais Diário de Limeira, Diário de Pernambuco, Diário de Americana, O Liberal (Americana) e Tododia (Americana), entre outros.

Reside em Americana-SP.

O autor escreveu esta estória quando tinha 17 anos.. A primeira edição foi publicada há mais de 30 anos.

Contato pelo e-mail:  
[jorgepalma@bol.com.br](mailto:jorgepalma@bol.com.br)

